

# Simões Dias

## e o seu tempo

Há tempos que me dedicava ao estudo de Simões Dias. Motivos imperiosos — o próprio rodar da vida — desviaram o sentido e o curso das minhas atenções, obrigando-me a confiar à discreção duma gaveta o pouco que tinha apurado sobre a verdade literária do poeta arganilense. São, por ora, afirmações duvidosas, construídas quasi sempre sobre hipóteses sem base científica. Para isto, não correu apenas a falta de tempo e de talento, mas a mesma orientação que estava dando aos meus trabalhos: não estudava Simões Dias em si e por si, mas procurava enquadrá-lo dentro desse seculo confuso e individualista que é o seculo XIX. O seu lugar na evolução literária dessa época; quanto deve ao século e quanto o século lhe deve; causas que determinaram o seu fecundo interesse pela literatura espanhola e repercussões nos seus contemporâneos das ideias e ritmos de lá trazidos, tais eram os fins que me propunha atingir. Era notoriamente péssima tal orientação para responder com justeza a esta chamada e fazer incidir em Simões Dias unicamente, isoladamente, todos os raios da crítica.

Definir, embora a traços largos, o lugar de Simões Dias na galeria literária do seculo XIX, é, por enquanto para mim, trabalho impossível, mas que para ninguém se me afigura fácil. Nascido poéticamente ao calor dos raios outonais e moribundos do Romantismo, Simões Dias há-de conservar em quasi toda a sua vida poética os queixumes suspirados, a tristeza doentia, a dor sem causa — os adornos e as galas dos Renés e Genovevas. Fidelino de Figueiredo termina assim a História da Literatura Romântica: «Com o aparecimento das poesias de Antero e João de Deus e principalmente com o de «Crime do Padre Amaro», de Eça de Queiroz, o romantismo considera-se morto — o que não impede que românticos retardatários, como Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas e Simões Dias, ganhem simpatia e público». Isto é verdadeiro, com uma reticência: Simões Dias não foi sempre romântico, embora intimamente, por temperamento e gosto, suponha que nunca deixou de o ser. Herculano e Lamartine — o Lamartine das «Lamentativas» —

aparecem nos seus versos. Há mesmo uma poesia de Simões Dias, escrita num jornal de Coimbra, que é pouco mais que uma tradução duma outra de Lamartine.

Esta feição romântica do espirito do poeta, havia de dotá-lo fatalmente de acessórios biográficos que lhe não pertenciam. E' velha mania do critico português subordinar a vida do poeta ao sentido dos seus versos. Sob este aspecto, não posso deixar de falar na crítica de José Agostinho, que constitue o prefácio da 2.<sup>a</sup> edição das *Figuras de Cera*. Escolhe poesias ao acaso, sem se importar com a ordem cronológica, e com ela procura fazer um novo romance — drama ou tragédia? — da vida de Simões Dias. E' evidente que se trata dum critério sem bases algumas científicas. Só analisando os jornais e revistas em que Simões Dias colaborou, se pode marcar tenuemente uma evolução literária ou sentimental; mas ainda neste caso o processo é falível, porque há poesias que só muito depois de escritas foram publicadas. Mas vejamos mais concretamente este erro que ameaça generalizar-se — porque nem a triste lembrança de Bernardim e Camões, aos quais os favores dos criticos perderam irremediavelmente a obra, impõe aos criticos modernos mais ponderação e seriedade.

Reparem nesta poesia:

### O MORIBUNDO

Da vida vai findar o meu degrêdo  
E não mais te verei, sonhado amor!  
E deixo-te sôzinha, aqui tão cedo,  
Sem ao menos contar-te a minha dor!

E morro sem o abraço da partida,  
Longe de ti, pombinha que eu amei!...  
E vou-me, sem te ver, cá desta vida,  
Trilhar novos caminhos, que eu não sei...

A morte não vem longe, que eu ven vejo  
O término fatal do meu viver.  
E morro sem sequer um longo beijo  
Levar de cá, por prêmio ao meu sofrer.

Pudesse ao menos ver-te junto ao leito...  
Dizer-te o que este amor por ti me diz!...  
Pudesse ainda unir-te neste peito...  
Depois... oh! Céus! morria tão feliz.

Não viram nada semelhante em António Nobre? Estamos sem dúvida em presença do canto dum vencido, tocado mortalmente pela asa fria da desilusão. E' talvez uma elegia de outono, anunciando tristemente a chegada do fim. Não seria esta a opinião do sr. José Agostinho? E, no entanto, nada mais falso: esta poesia foi publicada no jornal de Coimbra, *Hymnos e Flores*, em Novembro de 1862. Tinha então o poeta dezoito primaveras! E quantas poesias se poderiam citar!

Simões Dias nunca seguiu propriamente na esteira altíssima de Antero: nem tinha asas para voar tão alto, nem a sua formação lirica e sentimentos estéticos se ajustavam ao verso anteriano, em que a vibração lirica e as loucas do estilo, cediam lugar à escultura seca da ideia — alta, hirta, transcendente. Mas herdou de Antero e mormente de Teófilo, com quem emparceirou em Coimbra na fundação da «Chrysálida», o gosto da poesia social, o carinhoso interesse por individuos e classes que, sendo uma constante preocupação para os corações bem formados, são uma perene fonte de poesia e beleza artistica. Os velhos, as crianças, os mendigos, os órfãos, todos os seres delicados e indefesos que navegam sem norte no mar-abismo da vida, mereceram a Simões Dias versos cheios de ternura e piedade — uma certa tristeza comvente que os envolve e diviniza.

Mas quem teve influencia decisiva na obra

de Simões Dias, como nas de Guerra Junqueiro e Gonçalves Crespo, foi sem dúvida João Penha. As poesias de Simões Dias, da *Fôlha*, diferem notavelmente das publicadas em outros jornais da mesma época: uma leve ironia, uma troça mordente, certa franqueza rude de expressão — malícia sem veneno e picada sem ferir — vieram rasgar o véu melancólico com que os românticos mascaravam e apeteçiam as coisas.

Que envergonhada criança  
Tu me pareces ás vezes  
Ora Deus te não castigue  
D'aqui por uns certos meses . . .

Havemos de concordar que Simões Dias, por tradição literária e formação moral — certa distinção e elegância de espírito — nunca chegou ao sarcasmo forte de João Penha. A sua vida trabalhosa, o seu porte sério, brigavam de certo modo com as garrídes do autor das *Rimas*, cuja vida ficou célebre nos anais da boémia coimbrã.

Simões Dias deu um grande passo para o conhecimento, entre nós, da literatura espanhola. Era difícil e perigoso, numa época tão agitada pelo melindroso problema da União Ibérica, tentar essa aproximação literária, porque a muitos parecia uma lenta e calculada infiltração política. Simões Dias chegou mesmo a ser acusado de auxiliar êsse plano.

Desde Herculano, que estudara no *Panorama* o teatro espanhol, até aos jornais da época defendendo uma aproximação literária com a Espanha — quantas vezes encobrindo segundas intenções! — não deixava de se falar em tão importante e momentoso assunto. Simões Dias manteve neste prélio uma posição firme e inequívoca, respondendo às acusações com artigos de natureza puramente literária — apenas com um leve pendor para exaltar os escritores liberais. A sua obra está cheia de motivos, de sonoridades e cadências em que se adivinha a alma espanhola — alegre, ruidosa, cantante e simples. Chegou mesmo a escrever em espanhol. Muito mais que aos franceses, Simões Dias deve imenso aos escritores espanhóis, que estudou apaixonadamente. Como diz F. Beirão nos «Prelúdios litterários», acerca da tradução duma *Oriental*, de Lorilla, por J. Freire de Serpa Pimentel, «o género casa-se com as nossas tendências e a nossa língua». Alguns poetas, como João Penha, beneficiaram dêste intercâmbio luso-espanhol, abrindo novos horizontes à poesia portuguesa.

Não me demorei no problema da espontaneidade de Simões Dias. Não conheço escritor que tanto tenha modificado os seus escritos, que variam profundamente de edição para edição. Diz o Visconde de Sanches de Frias que Simões Dias modificava pelo simples prazer de modificar. Não me parece que isto seja absolutamente exacto. A evolução literária acompanhou sensivelmente a sua evolução sentimental e psicológica. Isto bastaria, sem a conferência de Eugénio de Castro sobre João de Deus e o trabalho do professor Costa Pimpão sobre João Penha, para provar que Simões Dias não foi um poeta espontâneo.

Aqui terminam as breves e vazias considerações que me é dado fazer sobre o poeta das *Peninsulares*. Nem o tempo, sempre inexorável, nem trabalhos preparatórios, indispensáveis a esta espécie de estudos, me permitem ir mais longe.

Bem andou a Câmara Municipal em ter consagrado, no centenário do seu nascimento — a 5 de Fevereiro de 1944 — um homem que, sendo uma glória local, foi um belo ornamento das letras portuguesas. Lamento apenas que o meu modestíssimo artigo pouco ou nada acrescente ao que de Simões Dias se conhece; mas espero que a memória do grande homem de letras nada fique a perder com êste rápido bosquejo base — de mais largos e consistentes estudos.

ALBANO MONTEIRO SOARES

Quintanista da Faculdade de Letras  
e aspirante a oficial miliciano em serviço  
em Cabo Verde